



Catarina Ferreira
catarinaferreira@jn.pt

TEATRO “Um dia a minha mãe entrou num autocarro e viajou durante 11 horas para ver o meu espetáculo final da Universidade. No fim disse: ‘Que linda obra meu filho, mas não entendi nada’”, contou ao JN Juan Carrillo, ator e encenador mexicano.

A franqueza da mãe espoleto em Carrillo um desejo de fazer um teatro que pudesse chegar a todos, aos letrados, aos “teatros” e aos menos cultos.

A produção, motor de todas as inquietações, era a peça maldita de Shakespea-

re: “Macbeth”. Passados 17 anos, Juan Carrillo vem, com a sua companhia Los Colochos, ao Festival Internacional de Expressão Ibérica mostrar (no Teatro Nacional de S. João, hoje e amanhã, e, na sexta-feira, no Teatro Sá de Miranda, em Viana) a sua multipremiada versão “Mendoza”.

O espetáculo está em cena há seis anos consecutivos e faz parte de um plano maior de fazer uma pentalogia de adaptações, todas de Shakespeare.

Mas, quem é “Mendoza”? “Os teatros entendem o que se passa em Macbeth porque o estudaram. Alguém [desconhecedor da obra de Shakespeare] a quem temos de explicar que numa zona recôndita da Escócia havia uma pessoa... já se perderam. Mas a universalidade da trama torna-a entendível – o poder, a vingança, a traição”, lista o encenador.

O primeiro exercício que fez foram analogias da estrutura de Shakespeare com a história do México. Encontrou essas semelhanças na história da revolução e independência mexicana e imaginou a



Juan Carrillo
Encenador

“Somos um coletivo bastante cómico e no entanto estamos a fazer uma pentalogia de tragédias. É uma forma de haver equilíbrio”



peça: Mendoza decide matar o seu superior, instigado pela sua mulher e por uma velha curandeira. Desenhada a estrutura dramática, entrou em contacto com António Zuñiga para que escrevesse personagens “com cores e sabores mexicanos”, comenta.

Carrillo diz, entre risos, ter problemas com a ultradireita dos teatros, que têm uma especial implicância com Lady Macbeth. “Claro que a Lady Macbeth sente culpa, ela chama-se Rosario, é mexicana e, claro, católica”.

A produção é apresentada em arena e é muito intimista. Por essa razão, foram abolidas as legendas, porque se tornavam um elemento distrativo para o público.

Apesar das devidas diferenças entre o público mexicano, que é muito irrequieto, e o europeu, sempre muito sério até ao final, Carrillo diz que a peça é entendível para todos. O trabalho de atores foi feito em laboratório em vários bairros da Cidade do México.

“Mendoza” tem estreia portuguesa hoje, às 21 horas. ●

Uma tragédia que toca a todos

FITEI “Mendoza”, multipremiada produção mexicana, está hoje e amanhã em cena no Teatro Nacional S. João



HOJE

- Oficina de Dramaturgia Juan Carrillo - Teatro Rivoli (10 horas)
- Exposição “Arquivo do TEP-Poética e Política” - Galerias da ESAP (10 horas)
- “Altíssimo” - CACE Cultural (21.30 horas)
- Oficina Revoadas de Pedro Vilela - Teatro Rivoli (14.30 horas)
- Debate “Festivais do Norte da Península” - Teatro Rivoli (16 horas)
- “Portugal não é um país pequeno” - Campo Alegre (18 horas)
- “Passa-porte” - Campo Alegre (21.30 horas)

← “Mendoza” é baseada em “Macbeth”, de Shakespeare